

UMA TESE SOBRE SÃO PAULO: RICHARD MORSE E A FORMAÇÃO DA METRÓPOLE (1947-1970)

Ana Claudia Veiga de Castro
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo / Universidade de São Paulo
anacvcastro@gmail.com

RESUMO

Em 1954, nas comemorações do IV Centenário de fundação de São Paulo, o historiador norte-americano Richard Morse lançava seu livro sobre a história da cidade: *De comunidade à metrópole: a biografia de São Paulo*. Dialogando com a Escola de Chicago e com as biografias de cidade norte-americanas, a obra era resultado de sua tese de doutorado defendida na Universidade de Columbia dois anos antes. Mas por certo também devia muito ao encontro de seu autor com uma geração de intelectuais paulistas – notadamente Antonio Candido – que naqueles anos despontavam como os mais proeminentes críticos da cultura brasileira, docentes da recém fundada Universidade de São Paulo. Quando a obra é reeditada em 1970 como *Formação histórica de São Paulo: de comunidade à metrópole*, dentro da coleção Corpo e Alma do Brasil dirigida por Fernando Henrique Cardoso e publicada pela Difusão Europeia do Livro (Difel), a mudança de título evidenciava o diálogo construído e mantido ao longo dos anos com aquela geração, explicitando seu lugar na historiografia de São Paulo. Esta comunicação pretende reconstruir brevemente as tramas dessa obra, buscando acompanhar a trajetória de seu autor pelas mais de duas décadas que separam o seu mestrado sobre os anos coloniais de São Paulo, *São Paulo The Early Years*, escrito em 1947 – trabalho que o apresentou à historiografia paulista – e a reedição de seu livro em 1970, período no qual Morse se tornou professor de História da América Latina na Universidade de Yale, ocupando diversos cargos ligados aos Latin American Studies dentro da academia norte-americana. Busca-se aqui iluminar a história dessa obra clássica, indicando diálogos, referências, leituras, interlocuções e parcerias de seu autor – sublinhando as particularidades da leitura de Morse sobre São Paulo – de modo a contribuir para a historiografia da cidade de São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE: Richard Morse; São Paulo; História urbana; Historiografia.

A THESIS ON SAO PAULO: RICHARD MORSE AND THE CONSTRUCTION OF THE METROPOLIS (1947-1970)

ABSTRACT

In 1954, during the celebration of the fourth centenary of the foundation of São Paulo, the American historian Richard Morse launched his book on the history of the city: De comunidade à metrópole: a biografia de São Paulo. In dialogue with the School of Chicago and with the American cities' biographies, the work was the result of his doctoral thesis at Columbia University two years earlier. However, it also owed much to the author's meeting with a generation of São Paulo intellectuals – notably Antonio Candido – who in those years emerged as the most prominent critics of Brazilian culture, teachers of the newly founded University of São Paulo. When the work is republished in 1970 as Formação histórica de São Paulo: de comunidade à metrópole, inside Corpo e Alma do Brasil, a collection directed by Fernando Henrique Cardoso and published by Difusão Europeia do Livro (Difel), the new title showed the dialogue built and maintained over the years with that generation, explaining the place of the book in the historiography of São Paulo. The aim of this paper is to reconstruct the way of this work, following its author's trajectory for more than two decades, between the thesis on the colonial years of São Paulo, "São Paulo The Early Years", in 1947 – a work that introduced him to the historiography of São Paulo –, and the book's reissue in 1970, period during which Morse becomes a professor of Latin American history at Yale University, occupying many positions linked to Latin American Studies in the American academy. The goal here is to shed light at the history of this classic work, highlighting dialogues, references, readings and partnerships – stressing the particularities of Richard Morse's reading about São Paulo – as a contribution to the historiography of the city of São Paulo.

KEY-WORDS: Richard Morse; São Paulo; Urban History; Historiography.

UMA TESE SOBRE SÃO PAULO: RICHARD MORSE E A FORMAÇÃO DA METRÓPOLE (1947-1970)

Quando Richard Morse passou por São Paulo pela primeira vez, em 1941, a imagem que lhe ficou na cabeça foi a de uma cidade barulhenta, populosa, apressada, uma verdadeira metrópole, comparável a Nova York ou Chicago (MEHY, 1990: 147). A cidade vivia o início do processo de metropolização que a caracterizaria nas próximas décadas, convivendo com demolições e reconstruções não só no seu velho centro, mas em uma região mais estendida, que compreendia alguns bairros nas adjacências. Além disso, a mancha urbana se espalhava cada vez mais, nos eixos rodoviários que eram abertos ou incrementados para escoar sua crescente produção industrial.

Foi essa cidade, e esse processo, que poucos anos depois de finalizar sua graduação em Princeton e ir para Columbia para estudar com o renomado antropólogo Frank Tannenbaum, que Morse escolheu investigar. Mas durante a década de 1940 o jovem passaria também por Cuba, o primeiro país estrangeiro que visitou – além de Chile, México e outras nações ao sul do Rio Bravo –, tendo uma experiência naquela ilha que lhe marcaria por toda a vida, definindo caminhos pessoais e profissionais de maneira incontornável¹. A ida a Cuba rendeu a Morse uma incursão pela ficção e uma paixão pelo mundo ibero-católico, que se desdobrou ao longo dos anos em pesquisas, artigos, defesas apaixonadas, teses controversas e, mais importante, ensaios de fôlego sobre as cidades latinoamericanas².

Entretanto, sua obra sobre São Paulo não parece ter partido de maneira tão direta desse encantamento pela cultura latina. Ao contrário, seu desejo inicial foi discutir a modernização daquela velha cidade de origem colonial que no meio do século 20 parecia adentrar o mundo civilizado apoiada numa industrialização efetiva. Era entender o que teria levado a pequena vila sem maior importância no sistema colonial português a se tornar a principal cidade industrial da América Latina. Estudar portanto a passagem daquela comunidade à sociedade, para tornar-se metrópole³.

Para começar, o mestrado, “São Paulo The Early Years” (MORSE, 1947) [fig.1] – um breve porém consistente estudo sobre os primeiros anos da cidade – permitiu a Morse o contato com a chamada historiografia tradicional paulista e lhe confirmou o lugar de exceção daquela cidade desde os tempos da colônia⁴. Em seguida, uma pesquisa de campo precisou melhor o problema de seu doutoramento, definindo o século 19 como o período a ser estudado em profundidade⁵. Poucos anos depois, a edição em livro da tese “São Paulo City under the Empire (1822-1889)” (MORSE, 1952) [fig.2], acrescida de ideias já debatidas em artigos e congressos⁶, ampliava o recorte temporal até o século 20, saía à público como *De comunidade à metrópole: a biografia de São Paulo* [fig.3] na efeméride do IV Centenário de fundação da cidade, parte da coleção que editava estudos clássicos sobre São Paulo (MORSE, 1954). Aqui, o lugar de exceção parecia deslocar-se ligeiramente, ao se reconhecer haver um caráter “complexo e incerto” na metrópole devido em parte a sua origem ibérica e católica⁷.

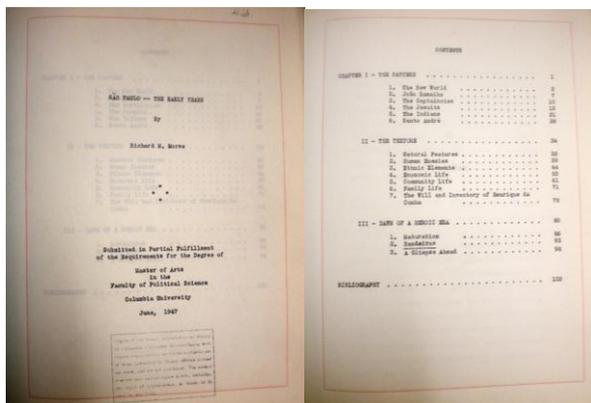


FIG. 1. Capa e índice do mestrado de Richard Morse: “São Paulo, The Early Years, Master of Arts in the Faculty of Political Science. Columbia University, New York, Jun. 1947”. FONTE: Reprodução Rare Books & Manuscript Library, Columbia University.

1 “Cuba foi uma revolução na minha cabeça. Estar lá era como conhecer outro planeta! [...] Não havia lição na Universidade, livros ou cursos que valessem aquela imersão cultural... Fiquei perplexo comparando Cuba com os Estados Unidos”. (MORSE apud MEHY, 1990: 141, grifo meu).

2 Não cabe citar todas, mas remeto ao conto “The Coup in Cuba” que traduz seu encantamento àquela altura (MORSE, 1941).

3 Essa passagem sinaliza o ingresso no mundo moderno, a partir de conceitos fixados por Ferdinand Tönnies em *Gemeinschaft und Gesellschaft* (1887) (TÖNNIES, 1944). Os polos seriam retomados pela Escola de Chicago para pensar América Latina, notadamente por Robert Redfield em *The Folk Culture of Yucatan* (1941), formulando o conceito “continuum folk-urban” para explicar sua urbanização (REDFIELD, 1946); com quem Morse dialoga em seu livro.

4 A “economia austera do planalto [...] condicionara cada estágio da vida paulista”, contrapondo-se às demais ocupações ibéricas na América, já que “em nenhuma outra parte da América Latina o europeu teve que viver assim. Mas [o paulista] não se intimidou com sua existência espartana”. O afastamento do elemento ibérico em terras índias se revelava em “uma vida sem jogo, blasfêmia ou flete, mal caracterizando a nossa ideia de uma comunidade Ibérica” (MORSE, 1947: 59 e 64, respectivamente; grifo meu).

5 Morse esteve no Brasil de setembro de 1947 a dezembro de 1948, a maior parte do tempo em São Paulo, visitando brevemente Rio, Salvador e Porto Alegre.

6 Morse termina a tese com a Proclamação da República. Mas no livro, acrescenta o capítulo “A metrópole moderna” com argumentos publicados em anos anteriores, completando o quadro previamente desenhado.

7 “A contínua integração das ordens patriarcal e industrial confere portanto à configuração dos determinantes e expectativas sociais em São Paulo um caráter complexo e incerto.” (MORSE, 1954: 233; grifo meu).

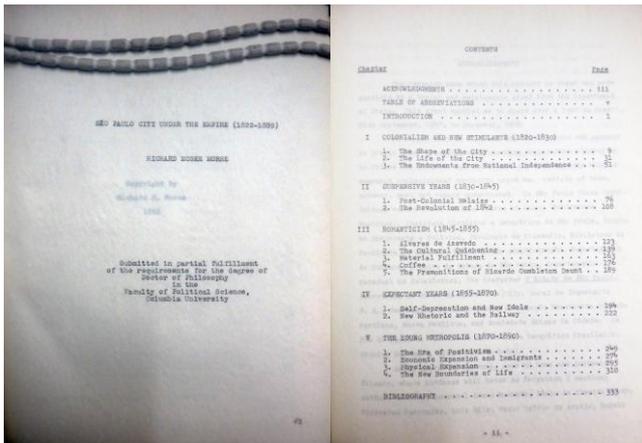
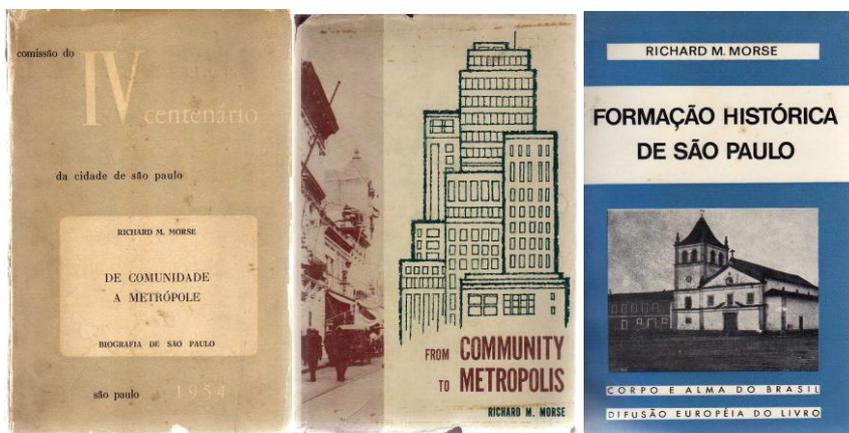


FIG.2. Capa e índice do doutorado de Richard Morse: "São Paulo: City under the Empire (1822-1889), Submitted in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy in Faculty of Political Sciences. Columbia University, New York, 1952". FONTE: Reprodução Rare Books & Manuscript Library, Columbia University.

Resenhada por intelectuais de peso, a obra foi publicada em inglês em 1958 pela Florida University Press, mantendo o título da edição brasileira, *From community to metropolis: biography of São Paulo, Brazil* [fig.4], acrescida de um capítulo que retomava a história colonial e inseria a cidade no largo episódio de constituição da América (MORSE, 1958)⁸. Em 1970, republicada na coleção Corpo e Alma do Brasil dirigida por Fernando Henrique Cardoso sob o título que a tornou mais conhecida: *Formação histórica de São Paulo: de comunidade à metrópole* [fig.5], a obra ganhou nova Introdução, a revisão do capítulo inicial e novo capítulo final (MORSE, 1970). Nesse momento, Morse assume São Paulo como a cidade latinoamericana por excelência⁹. Esta comunicação busca retomar sua trajetória e iluminar elementos que ajudem a compreender o sentido da obra, destacando diálogos, referências, leituras, interlocuções e parcerias de Morse, contribuindo para entender seu lugar na historiografia da cidade – adensando essa historiografia.



FIGS. 3, 4 e 5. Capas das edições de 1954, 1958 e 1970. FONTE: Reprodução.

1. Em Columbia: um mundo se revela, um método de estudos se consagra

Ao chegar em Columbia no fim da Guerra, Richard Morse encontra seu futuro orientador Frank Tannenbaum envolvido em uma das atividades que mais lhe dava prazer: a coordenação dos Latin American Seminars (TANNENBAUM, 1953)¹⁰. Ultrapassando as discussões acadêmicas, esses encontros avançavam em temas das conjunturas nacional e internacional, permitindo aos alunos contato com diplomatas, políticos, literatos, jornalistas e empresários que apresentavam suas visões

8 Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso e Pierre Monbeig, entre eles.

9 "Sob vários aspectos, São Paulo é a cidade que ilustra de maneira mais dramática o que se chamou de estágio 'centrípeto' do desenvolvimento urbano da América Latina" (MORSE, 1970: 19)

10 Começaria de modo informal em 1944. Cf. Box 19, Frank Tannenbaum Papers.

de mundo em debates que nos anos 1960 se confundiriam com a própria atuação do Institute of Latin American Studies (ILAS)¹¹.

Em um desses seminários, em 1954, Morse já docente em Columbia apresentaria o tema “Linguagem e civilização na América Latina”. No mesmo programa aparecem entre outros o espanhol Ángel del Rio, tratando das culturas hispânica e latinoamericana contraposta a anglo-saxã; o historiador Américo Jacobina LaCombe, então diretor da Casa de Rui Barbosa no Rio; os jornalistas Herbert Matthews, do *New York Times* (que em 1957 entrevistará Fidel Castro em Sierra Maestra), discutindo eleições cubanas; e W. H. Lundsden, da revista *Life*, falando de “oportunidades de investimentos interamericanos” [fig.6].

SCHEDULE OF SPEAKERS		Speakers - Latin American Center, 1954-55 (cont'd)	
Sep. 23	Dr. Angel Del Rio	Mar. 17	Prof. Richard Morse
Sep. 29	Prof. Waldo Ross (Chile)	Mar. 24	Father Argüello
Oct. 7	Dr. José Rivas-Muñoz	Mar. 31	Mr. W.H. Lundsden
Oct. 14	M. de Souza Santos Romero (Council of Brazil)	Apr. 14	José Coronel Urtecho
Oct. 21	Dr. Max Rodríguez-Tropea	Apr. 21	Dr. Ramón Villeda
Oct. 28	No meeting	Apr. 28	Carlos Scherer-Correa
Nov. 4	Dr. Esteban Flores	May 5	Lic. Carlos Basaldua
Nov. 11	Dr. Américo Jacobina LaCombe	May 12	Dr. Mauricio A. Ottolenghi
Nov. 18	Leopoldo Benítez		
Dec. 7	Leopoldo Benítez		
Dec. 9	Mr. Herbert Matthews		
Dec. 16	Prof. Waldo Ross (Chile)		
Jan. 6	José de Galdames		
Jan. 13	Dr. A. Métraux		
Feb. 3	Dr. Feliciano Klompke		
Feb. 10	Father Benjamin Rufes		
Feb. 17	Lic. Ricardo Rojas		
Feb. 24	Prof. Angel Del Rio		
Mar. 3	José Coronel Urtecho		
Mar. 10	Dr. Américo Jacobina LaCombe		

FIG.6. Programa das palestras em Columbia – Morse é o primeiro nome da segunda página: “Prof. Richard Morse - Language and civilization in Latin America [à lápis: “Col. University]”. “Schedule of Speakers – Latin American Center/ Fall term, 1954”. FONTE: Frank Tannenbaum Papers, Rare Books & manuscript Library, Columbia University.

A maioria dos convidados era de intelectuais latinoamericanos em temporada de estudos e docência, intelectuais norte-americanos interessados na questão latinoamericana, além de alguns europeus com interesse eventual, como Pierre Monbeig, Fernand Braudel ou Alfred Métraux. O que levava Tannenbaum a “inventar” essas discussões coletivas, dizem seus biógrafos, fora sua convicção de que

*o mundo não poderia ser dividido em ciência política, economia, sociologia ou história... as sutilezas, complexidades e o entrelaçamento dos laços da vida estariam fora do alcance das disciplinas especializadas.*¹²

O Seminário, nesse sentido, não era só “um projeto educacional, mas [sobretudo] um projeto educativo” que pretendia formar intelectuais a partir do contato direto com a experiência de seus pares (TANNENBAUM, 1953). Ligados ao campo da cultura ao mesmo tempo que da intervenção política, esses homens pertenciam a uma geração em que estas duas chaves de atuação – cultura e política – pareciam se complementar.

Quando Morse chegou em Columbia em 1946, a atividade relativa à América Latina, como se vê, era variada e intensa. E seu orientador, nome que reunia um prestigioso círculo em torno de si¹³. Contrariando o que afirma uma certa bibliografia, que após o fim da Guerra o subcontinente teria passado a um segundo plano¹⁴, nota-se como os Estados Unidos ainda

11 O nome dos encontros variou. Em 1946, aparece “Center of Latin American Economic and Historical Studies/Schedule of Speakers, Oct 1946 to Jan 1947”, em outros momentos, Latin America Institute e Latin American Center. O ILAS foi fundado em 1962 para “obter conhecimento de uma área de importância central na política externa norte-americana”. (Columbia University, ILAS, Acesso 22/08/2011).

12 Conclusão que o levaria a afirmar ser necessário mesclar as disciplinas para se poder ter de novo um olhar unificado sobre as coisas (MAIER & WEATHERHEAD, 1974: 15). Os Seminários não apenas sobreviveram à morte de seu idealizador, como passaram de 5 temas iniciais para mais de 70 tópicos que ainda hoje são discutidos naquela Universidade de. (COLUMBIA University Seminars, History, Acesso 23/10/2010).

13 Ainda que pioneiro nos estudos sobre a América Latina, professor de História da América Latina por mais de três décadas, Tannenbaum não seria nem um historiador nem um latinoamericanista stricto sensu (HALE, 1995: 215).

14 Segundo Elizabeth Cobbs, tratando especificamente do Brasil, “depois de 1945, a relação [...] se deslocou mais e mais para fora dos interesses norte-americanos”, resumindo-se sua nova política na frase: “Don’t call us, we’ll call you”. (Cf. COBBS, 1992: 6). Para Roberto Almeida, “a América Latina aparece[ria], nas diretivas do Conselho de Segurança Nacional, como a região de menor importância estratégica nos planos de segurança externa dos EUA” (ALMEIDA, 2001: 34). Gerald Haines, entretanto, insiste em como as duas administrações ao fim da Guerra tiveram como propósito manter os EUA na posição de dirigir o desenvolvimento latinoamericano, por meio do investimento de suas empresas privadas ali (HAINES, 1984), o que parece concordar com os interesses da Universidade em continuar patrocinando essas discussões.

atuavam para fortalecer os laços, não apenas culturais ou acadêmicos, mas também econômicos e políticos¹⁵. Desse modo, aquele jovem nascido num subúrbio rico próximo a Nova York, encantado pelo exotismo de países visitados na graduação, tomou contato com uma geração de pensadores que mostravam a potência de uma compreensão da cultura mais ampla que o ensino acadêmico *stricto sensu*. Os seminários, e o contato com Tannenbaum, contribuiriam portanto para dar a América Latina um sentido mais consistente.

2. Em São Paulo: surge uma tese sobre a formação da metrópole

Vindo para São Paulo no final de 1947 com uma bolsa do Departamento de Estado norte-americano, Morse chegava na capital paulista com uma ideia formada do que estudar – compreender a urbanização intensa de uma capital latinoamericana em industrialização. Deparou-se entretanto não apenas com uma cidade espacialmente renovada, mas também com uma universidade jovem, que contava com a primeira geração de alunos agora transformados em professores, ditando os rumos do pensamento intelectual local. Entre os que começavam a protagonizar a cena intelectual paulista, Florestan Fernandes, Antonio Candido, Decio de Almeida Prado, Paulo Emilio Salles Gomes e Gilda Rocha de Mello e Souza, formados pela geração de professores estrangeiros que ajudaram a fundar a Universidade de São Paulo, substituíam (e de certo modo a levavam adiante) a geração e a proposta modernistas (PONTES, 1998).

Em 1947, entretanto, Mario de Andrade – o principal nome do movimento modernista – já havia morrido; aqueles professores começavam a retornar à Europa; e os moços, ao assumirem o projeto da elite intelectual e econômica que havia fundado a universidade “para desprovincianizar o país” (mas também para “conduzi-lo”), protagonizariam a formulação de um pensamento crítico inserido na tradição do pensamento social da década de 1930¹⁶. Dispostos, contudo, a pensar o Brasil em termos científicos, eles buscaram produzir novas e sofisticadas teorias de interpretação que pudessem levar a nação a se tornar um país moderno.

Talvez tenha sido justamente a busca de autonomia daquele pensamento o que chamou a atenção do norte-americano na metrópole paulista do final da década de 1940. No contato direto com esses intelectuais, Morse formulou seu olhar para a evolução urbana da capital, descolando-se parcialmente das leituras vigentes e buscando construir uma visão desta história a partir da definição do *ethos* paulista, que o ajudaria a compreender como a cidade se transformara de maneira tão violenta. Ao definir a estrutura da sua obra, Morse tomaria o Romantismo e o Modernismo como pontos chave de constituição desse *ethos* nos séculos de sua urbanização mais intensa.

Se “os movimentos espirituais precedem sempre as mudanças de ordem social”, como preconizara o próprio Mario, são eles organizam os temas da obra. Unidos por um fio condutor que percorre o sentido de comunidade intelectual nas diferentes situações históricas, Morse atravessa a documentação a partir da proposta de caracterizar esse *ethos* em cada momento de “redefinição de sensibilidades”. O historiador não tem dúvidas em afirmar que tanto o Romantismo como o Modernismo foram os dois momentos fortes nesse sentido – tempos de “novas apreciações” e de “florescimento de mudanças” – já que essa, a literatura que “vale[ria] a pena” na cidade.

Essa também seria a apreciação de Antonio Candido no artigo “A literatura na evolução de uma comunidade” escrito para o IV Centenário¹⁷. Ainda que passasse pelos diversos momentos da história literária de São Paulo recuperando autores e obras desde a Colônia, ao reconhecer a “ligação orgânica entre produção literária e vida social”, Candido enfatizava a importância do Romantismo e do Modernismo para a compreensão da cidade (ou da comunidade). Se uma obra é única, a “literatura é coletiva”, e por isso ela servia de índice de compreensão da vida social. A literatura requeria “uma comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza[va] afinidades profundas que congrega[aria]m os homens de um lugar e de um momento”, para chegar no seu objetivo, a comunicação (CANDIDO, 2000: 139). Assim, não pode haver literatura

enquanto não houver essa congregação espiritual e formal, manifestando-se por meio de homens pertencentes a um grupo (embora ideal), segundo um estilo (embora nem tenham consciência dele); enquanto não houver um sistema de valores que enforme a sua produção e dê sentido à sua atividade; enquanto não houver outros homens (um público) aptos a criar ressonância a uma e outra; enquanto, finalmente, não se estabelecer a continuidade (uma transmissão e uma herança), que signifique a integridade do espírito criador na dimensão do tempo. (CANDIDO, 2000: 140).

A ideia de sistema que caracterizará a apreciação do crítico sobre a formação da literatura brasileira aparece aqui em elaboração, para pensar a literatura paulista. Segundo esse critério, só haveria literatura em São Paulo a partir da Independência, e notadamente depois do advento da Faculdade de Direito (ainda que antes já se esboçassem condições para que uma literatura paulista pudesse surgir, havendo portanto “manifestações literárias”, como ele formaliza no seu livro de

15 Num folheto do próprio Tannenbaum lê-se: “O University Seminar não é nem uma instituição de pesquisa nem um conselho de administração. É uma comunhão intelectual que lida com ideias e não com fatos [...]. Busca saber porque se investiga estes ou aqueles fatos, em detrimento de outros, e porque certos fatos rendem certas conclusões, quando muitas outras podem ser tiradas. [...] Ele desempenha o papel de avaliar a prática e a política das instituições à luz de suas propostas e dos fins alcançados”. (TANNEBAUM, 1953: 163).

16 Para uma visão do projeto de formação da universidade como parte de um projeto de poder da elite paulista, ver CARDOSO, 1982. Cardoso mostra o projeto e a prática, nem sempre coincidentes, discutindo o papel da Faculdade de Filosofia, que de certo modo “escapou” das mãos de seus criadores.

17 Publicado num suplemento do jornal O Estado de S. Paulo e republicado em Literatura e Sociedade (CANDIDO, 2000: 139-68).

1959). Só quando a cidade se estabelece enquanto tal, pode existir o que o crítico chamou depois de “sistema literário” – livro, autor e público –, ou dito mais precisamente, “obra, escritor e tradição literária”. Características que ajudaram Morse a definir a própria cidade.

Morse toma 1822 – o ano da Independência – como um corte que atua na transformação do *ethos* paulista. A partir dali, “três catalisadores” condensam a transformação da mentalidade paulista: a criação de um sistema burocrático nacional que incidiria diretamente nas tomadas de decisões dos mandatários (acostumados a uma certa autonomia)¹⁸; o estabelecimento da imprensa, com a criação do jornal *O Farol Paulistano*¹⁹; e o estabelecimento da Academia de Direito, que mudaria o ritmo da cidade²⁰. Todos atuando para desprovincianizar aquele velho núcleo ainda de ares coloniais em pleno século 19. O juízo coincidia com a apreciação de Candido sobre o que teriam sido “os primeiros feitos de nossas classes por assim dizer esclarecidas” (ARANTES, 1997: 56):

Imprensa, periódicos, escolas superiores, debate intelectual, grandes obras públicas, contato livre com o mundo [...] assinalam o reinado americano de D. João VI, obrigado a criar na Colônia pontos de apoio para o funcionamento das instituições (CANDIDO apud ARANTES, 1997: 56).

Muito já se escreveu sobre as teses de Antonio Candido sobre a formação da literatura brasileira e não cabe aqui discutilas²¹. Mas é importante retomar que o crítico buscava elaborar, menos que uma história da literatura, uma história da *formação* da literatura, a partir de seus “momentos decisivos”²². Era nesse sentido que Romantismo e Modernismo importavam para São Paulo.

Antonio Candido seguia na trilha aberta pelo próprio Mario e, ao destacar em seu ensaio que tanto Romantismo como Modernismo haviam sido momentos notadamente paulistas da literatura nacional, “dois momentos em que a cidade se projet[ou] sobre o país, e procur[ou] dar estilo às aspirações do país todo”, mostrava também como “literatura e cidade, ambas se explicam e se complementam, se as quisermos ver solidariamente” (CANDIDO, 2000: 165). Era nessa solidarização que se poderia compreender a história da cidade por meio de sua literatura. Nesse sentido,

o Modernismo não foi apenas um movimento literário, mas, como tinha sido o Romantismo, um movimento cultural e social de âmbito bastante largo, que promoveu a avaliação da cultura brasileira [...] dando a impressão de que [...] o Brasil efetuava uma revisão de si mesmo e abria novas perspectivas. (CANDIDO, 2004: 88, grifo meu).²³

A década de 1920 seria especialmente propícia para se flagrar o surgimento de uma literatura nacional, mas mais que isso, quando essa literatura se colocava em pé de igualdade com as literaturas europeias. Antonio Candido, como se sabe, cunhou a expressão “desrecalque localista” para os efeitos do Modernismo na sociedade: onde os românticos apelaram para o nacionalismo, os modernistas apelaram para a piada, fazendo render o que antes nos envergonhava²⁴. O trabalho de Morse, num certo sentido, caminhava para “desrecalcar” a capital paulista frente às capitais e metrópoles centrais, ao propor haver aqui uma cultura própria, híbrida entre o *ethos* católico e o capitalista mas, ainda assim, moderna²⁵. Não era à toa que Morse via o nascimento da metrópole naquele momento, a década de 1920.

Com esses “momentos decisivos” definidos, Morse reuniu suas fontes: documentação oficial, jornais, planos de reformas urbanas, impressões de viagens, romances, memórias, etc., junto a estudos e pesquisas que lhe forneceriam o apoio para analisar temas tão distintos como sindicatos, moradias, alimentação, e ainda outros. E os dois movimentos, na economia do livro, tornavam-se polos para balizar a evolução urbana de São Paulo, por “incorpora[rem] e assimila[rem] as influências culturais estrangeiras e ao mesmo tempo d[a]rem expressão para as especiais características do meio paulista”, como diz

18 “A lei tirava aos paulistanos sua capacidade de resolver as necessidades orgânicas da cidade como cidade. Os membros da Câmara conheciam essas necessidades porque as viviam. A autoridade máxima, entretanto, passara a pessoas do governo provincial que não participavam da vida municipal, que viviam de olhos voltados para a Corte no Rio [...]” (MORSE, 1954: 54).

19 “Era através da imprensa que uma teia de interesses distantes e pessoais se projetava sobre a tela circunscrita e imediata, vivida e sentida, da rotina e do costume. [...] a imprensa era ao mesmo tempo efeito e causa da nova tensão entre o conhecimento imediato e a ideia distante.” (MORSE, 1954: 57).

20 “A Academia traria alunos e professores de todo o país e de fora. Com estes vieram necessidades e atitudes que iriam lançar o fermento na comunidade introvertida. Vieram os costumes mundanos; as ideias e as paixões políticas a transcenderem o contexto local; a necessidade de teatros, jornais, livrarias, bailes e pontos de reunião não formais, como os cafés; o ceticismo cáustico dos acadêmicos sempre pronto a desarticular os estritos padrões da vida provinciana.” (MORSE, 1954: 55).

21 A esse respeito, ver ARANTES, 1992 e 1996; SCHWARZ, 1999: 17-23 e 46-59; WAIZBORT, 2007; entre outros.

22 Formação da literatura brasileira: momentos decisivos é lançado em 1959, sendo elaborado naqueles anos, juntamente à tese sobre a desagregação do mundo rural em Bofete, Os parceiros do Rio Bonito. Sobre a coincidência temporal da elaboração de ambos, ver CARDOSO, 1979: 89-100 e JACKSON, 2002.

23 Já se assinalou esta característica da vanguarda na periferia: “o problema da vanguarda local não esteve planejado em termos de encontrar uma fórmula universal para o novo tempo”, mas sim em “reencontrar o rosto esquivo da identidade nacional”. Se não havia “instituições a serem demolidas”, seu problema era antes o da “construção de tradições e instituições para conter o que se percebia como evanescência do atual na babel metropolitana”. GORELIK, 2005: 58. Ver também SARLO, 1988.

24 A expressão, de cunho psicanalítico, é usada por Candido para mostrar como o modernismo assimila a vanguarda europeia com uma “inversão de sinais que transformava nossas deficiências em outras tantas superioridades”, como ele explica no artigo “Literatura e cultura de 1900 a 1945”, citado em ARANTES, 1992: 17.

25 Morse veria isso mais claramente a partir da edição de 1958 e tentava a partir dali entender o motivo que levava a isso e que cidade surgia dessa interação.

o autor em um artigo contemporâneo à edição de 1954²⁶. Portanto, é a partir da literatura, mas com o respaldo historiográfico somado à documentação histórica, que Morse elabora a “biografia” da cidade.

A “forma de compreender o mundo” aprendida com Tannenbaum encontrou solo fértil num ambiente paulista que parecia viver um momento de formulação de visões particulares sobre o desenvolvimento de São Paulo (e do Brasil) em seus diversos aspectos, e no qual a institucionalização tardia das ciências sociais era compensada pelas observações das peculiaridades nacionais fixadas na literatura, como certa vez sugeriu o próprio Antonio Candido. Do meu ponto de vista, a convivência com esse grupo intelectual foi fundamental para o desenvolvimento do trabalho de Richard Morse sobre a capital paulista e as teses ali engendradas. As sementes plantadas em seu período formativo puderam germinar no contato com uma intelectualidade paulista preocupada, justamente, com a construção de uma perspectiva da cultura nacional que passava pela definição do lugar de São Paulo nesse panorama, desenvolvendo-se sobretudo a partir do estabelecimento da Universidade de São Paulo. Foi desse encontro que a história da cidade que Morse se propusera a fazer configurou-se definitivamente como uma “história cultural urbana”.

3. De volta aos Estados Unidos: a América Latina se confirma no horizonte

O campo da história urbana se constituía nos Estados Unidos a partir da década de 1930, quando surge uma série de biografias de cidade esquadrihando a nação que se urbanizava, e de quebra, construindo um novo *ethos* para o americano, afastando-o da ética da fronteira para incorporá-lo na civilização do mundo urbano (STAVE, 1977). Na década de 1960, quando Morse passou a dar aulas em Yale, essa história é posta em xeque, sendo vista como a “velha história urbana” em contraposição às novas formas de aproximação da cidade, a partir de problemas específicos e não mais estudos monográficos que pretensamente esgotavam a história da cidade²⁷. O movimento que Morse faz com seu livro não deixa de refletir essa mudança. Sem deixar de ser uma monografia sobre a capital paulista, a obra acabou tornando-se também uma plataforma de estudos, vendo em São Paulo um exemplo de desenvolvimento para a cidade latinoamericana, o que se confirma na reedição de 1970 a partir do capítulo “Ecologia, Sociedade, Cultura: reconsideração de alguns temas (1968)”, uma espécie de balanço de temas e questões que extrapolam a metrópole paulista (MORSE, 1970).

Ao se tornar professor do Departamento de História de Yale, na cadeira de História da América Latina, Morse passa a falar de um lugar privilegiado. E foi dali que ele afirmou a sua particular perspectiva para o entendimento das cidades no continente – justamente durante o *boom* dos estudos de área – na contramão da especialização prevista neles. Na atividade docente, foi sobre a história das cidades a maioria de seus cursos, onde se nota a vontade de traçar panoramas e visões de longo alcance²⁸. Nesses anos, Morse também publicou textos que se pretendiam balanços gerais, resenhas e revisões sobre a urbanização latinoamericana e sua historiografia, afastando-se de um possível “brasilianismo” que a tese sobre São Paulo pudesse lhe fazer. Enquanto preparava a nova edição de seu livro, Morse exerceu ainda cargos e funções fundamentais para a sedimentação dos estudos latinoamericanos na América. Foi Charmain do Latin American Studies de Yale, conselheiro da American Association of University Press e do American Foreign Interchange Program, membro dos comitês de organização do Foreign Area Fellowship Program e do Latin American Teaching Fellowships, participando ainda da criação da Latin American Studies Association²⁹.

Ao mesmo tempo, Morse participou ativamente de congressos, seminários, encontros e programas que tinham a história urbana como tema e, se não foi uma figura central no debate norte-americano sobre cidades – por não estudar cidades norte-americanas –, seu lugar parece ter sido na cena latinoamericana, que a essa altura ganhava proeminência também como campo de trabalho para os planejadores e técnicos norte-americanos (GOODWIN, HAMILL & STAVE, 1976; GORELIK, 2005). Nas décadas seguintes, Morse editaria inúmeras obras sobre a história das cidades na América Latina, algumas em parceria com o argentino Jorge Ferrari Hardoy, contribuindo de modo definitivo para a consolidação dos estudos urbanos no continente.

Por meio dessa atuação, Morse revisava um debate que ele mesmo ajudara a criar – mais que isso, um tema – “a cidade latinoamericana” – que figurou como um dos mais profícuos tópicos de pesquisa naquele período (GORELIK, 2005). Tomando São Paulo como tema de estudos em sua primeira pesquisa monográfica, o historiador acabou pensando a América Latina a partir de um estudo de caso analisado em profundidade. Desse modo, transformou aquele interesse difuso pela cultura latinoamericana em um produtivo campo de trabalho, não apenas para si mas para uma nova leva de pesquisadores, arquitetos, urbanistas, historiadores e cientistas sociais que se preocupavam com aquelas cidades. Desde então, Morse passa a olhar para “as cidades” e não mais para uma ou outra especificamente, buscando compreender por meio da urbanização e da história a própria cultura latinoamericana, ou a “civilização latinoamericana”, num caminho que talvez o tenha levado a escrever *O espelho de próspero*, já na década de 1980.

26 Anunciava-se, nesse texto que condensa a perspectiva cultural de Morse como chave de entendimento da metrópole, a dialética do localismo e do cosmopolitismo de Antonio Candido, que parece alimentar diretamente a reflexão do norte-americano. O artigo é incorporado ao livro de 1954, com apreciações sobre o Modernismo que não apareceram na tese de 1952, e segue nas edições posteriores (MORSE, 1954b).

27 *Nineteenth-Century Cities: Essays in the new Urban History*, organizado por Stephan Therstrom e Richard Sennett é considerado fundador da nova história urbana. No prefácio, afirma-se ser prematuro falar nisso, mas se reconhece uma “criativa fermentação” no campo (THERSTROM&SENNETT, 1969: 14).

28 Como se nota na bibliografia dos programas dos cursos. Series III, Box7/ Folders11-16, Richard McGee Morse Papers.

29 Series III, Box6/Folder13; B5/F1; B5/F6; B6/F18; B6/F18; B6/F28, RMM Papers.

Desse modo, foi o debate urbano latinoamericano – ao qual Morse aderiu, e mais ainda, ajudou a formular – insisto, a partir da sua pesquisa sobre São Paulo –, o que também o levaria a se tornar não apenas um historiador das cidades, mas um historiador cultural das cidades. Um verdadeiro intelectual, como ele via seus colegas latinoamericanos, menos “especialistas” que os *scholars* norte-americanos, e preocupados com a “explicação” de seus países. O que no Brasil, no mais das vezes, traduziu-se num pensamento em torno da “formação” da nação.

A hipótese de fundo que sustenta suas análises se esboça inicialmente em 1956, sendo rearticulada a cada novo texto e informando sua apresentação à edição de 1970. Partindo da constatação de que a cidade latinoamericana é “artificial”, Morse defende a necessidade de uma história cultural urbana do subcontinente para dar conta de compreendê-lo em seus próprios termos, ou seja, em suas especificidades, e não como um desvio da “civilização ocidental” (MORSE, 1957)³⁰. Essa “artificialidade” constitutiva se devia ao fato dessa cidade ter se formado no vasto e desconhecido território americano à imagem e semelhança de uma distante burocracia metropolitana, funcionando como posto avançado para o assalto as riquezas do interior do continente. Surgia um paradoxo: na América, a cidade domina e modela o campo com seus pontos de vista, mas o papel de exploração territorial reintroduz nela traços rurais e pré-metropolitanos.

Para Morse, isso impedia estudar essas cidades apenas através de trabalhos científicos, e demandava a incorporação de outras vozes, notadamente a dos literatos – mais aptos a “traduzi-la” por meio de suas obras –, justamente a perspectiva do estudo sobre São Paulo. Apelava-se às fontes literárias porque elas revelavam uma “verdade cultural que permite recortar a experiência da cidade latinoamericana como algo original e diferente dos modelos europeus” (GORELIK, 2002: 43). Debatendo as conclusões que sociólogos e economistas tiravam da urbanização latinoamericana, Morse as invertia para fazer ver o que de positivo havia ali, por meio da fala dos escritores, tomados como produtos e produtores da cidade – como foram Álvares de Azevedo ou Mario de Andrade. Para além dos “temas” das suas obras, esses literatos viviam e expressavam os conflitos urbanos de maneira profunda, tornando-se uma porta de acesso privilegiado àquele mundo.

4. Comentário final

Se o Brasil e a América Latina fizeram parte do imaginário norte-americano, do ponto de vista acadêmico parece haver dois momentos distintos nesse interesse. Um primeiro, mais “vocacional”, quase romântico, do qual as gerações do início do século 20 fazem parte; e outro, já completamente institucionalizado, após 1959 (ALMEIDA, 2001)³¹. Mas a geração de Morse, surgida no período da Guerra, pode ser vista como uma geração intermediária. Formado por uma vontade de aproximação e compreensão mais ampla da cultura latinoamericana, mas atuando num mundo acadêmico cada vez mais especializado, Morse viveu a passagem entre aqueles dois momentos, o que o levou a ocupar um lugar particular na estrutura universitária norte-americana. Mais importante, levando-o a escrever uma obra em que se reconhecem ambas as tradições, não apenas cronologicamente, mas pelos próprios caminhos que decidiu trilhar. Nem tão romântico como aqueles primeiros intelectuais, pois buscava construir um pensamento dentro da Academia (ainda que se notem resquícios românticos em suas posições); nem tão completamente profissionalizado, no sentido de encarar a América Latina *apenas* como um tema a mais, de onde se recorta um aspecto preciso e delimitado para ser explorado através de pesquisas exaustivas.

Como disse certa vez Decio de Almeida Prado a respeito da sua geração, um dos “trunfos” daquele grupo de intelectuais que se afirmara nos anos 1940 tinha sido a visão a cavaleiro da história, “montado ao mesmo tempo sobre a liberdade do ensaísmo e a objetividade dos cursos universitários” (PRADO, 1999: 37). Morse, parece-me, também unia as duas formas do empenho acadêmico em sua compreensão da América Latina. E justamente porque congregou em seu trabalho sobre São Paulo essa dupla perspectiva, entre o ensaísmo e a objetividade acadêmico-científica – cuja razão de ser estava enraizada no tempo presente –, que seu livro mantém o interesse ainda hoje. Se sua afinidade imediata com aquele grupo não deixa dúvidas sobre isso, menos ainda a forma ensaística absorvida da geração anterior que perpassa sua narrativa histórica (assim como a daqueles paulistas).

Nesse sentido, torna-se mais compreensível a mudança de título entre as duas edições brasileiras. Em 1954 Morse optara por um título e subtítulo que rapidamente se identifica como história da cidade: *De comunidade à metrópole: a biografia de São Paulo*, de par com aquela história urbana feita nos Estados Unidos. Porém, a obra é muito devedora dos diálogos estabelecidos no Brasil, o que nos anos seguintes se consolida em outros termos, mais institucionais. É desse lugar que Morse recupera suas relações com os intelectuais brasileiros, convidando-os a participarem de atividades, cursos ou congressos na academia norte-americana³². Assim, quando em 1970 o livro é reeditado como *Formação histórica de São Paulo: de comunidade a metrópole*, a mudança indica de modo mais claro sua relação, e a de seu trabalho, com aqueles intelectuais brasileiros comprometidos com a ideia da formação da nação, que a essa altura ocupavam postos chave na universidade e eram os principais nomes da cena intelectual paulista. Intelectuais formados na esteira do Modernismo – com

30 Tese formulada como comentário à mesa “Expansão urbana na América Latina durante o século 19”, em reunião da American Historical Association (MORSE, 1957).

31 Bom Mehy divide os pesquisadores em “pioneiros”; “os filhos de Castro”, para os que vêm justo após a Revolução cubana; e “os especialistas”, quando os *area studies* estão já completamente institucionalizados, MEHY, 1990. Gorelik, pensando nas questões urbanas, mostra que mesmo antes da Revolução os norte-americanos já estavam atuando no subcontinente, matizando essas fases (GORELIK, 2008).

32 Series III, Box 7, RMM Papers. Antonio Candido definiu estes dois momentos: um quando os jovens se conhecem e estabelecem uma breve relação com base numa afinidade imediata, e outro quando ambos são professores respeitados em seus campos de conhecimento. Entrevista ao autor, 16/03/2010.

o qual Morse se identificava (eventualmente mais que os próprios paulistas), sendo ele mesmo esse “espírito modernista”, por assim dizer, em busca achar o lugar daquela metrópole da periferia do capitalismo – querendo ver nessa excentricidade uma possibilidade. Paulo Arantes explorou “o sentido da formação” na experiência intelectual brasileira, descrevendo como ela em muitas oportunidades se deu

na forma de grandes esquemas interpretativos em que se registram tendências reais na sociedade, tendências às voltas, não obstante, com uma espécie de atrofia congênita que teima em abortá-las, [deste modo] apanhava-se naquele corpus de ensaios sobretudo o propósito coletivo de dotar o meio gelatinoso de uma ossatura moderna que lhe sustentasse a evolução. (ARANTES, 1997: 12).

Ao ter alterado o título do livro para *Formação histórica*, reconhece-se nesse trabalho mais um desses esquemas de interpretação que pudesse “sustentar a evolução”, no caso da sociedade paulista, em seu sentido “normativo e descritivo”, entretanto, *sem correr* na “direção do ideal europeu de civilização” (ARANTES, 1997: 20). Buscando um ideal de civilização próprio, no sentido que os artistas modernistas pensavam. *Macunaíma* foi no fundo esse ideal – sem nenhum espaço para romantismos (no sentido vulgar da palavra) –, ao mostrar o “nenhum caráter” que o fazia “herói de nossa gente”. A *formação*, que do meu ponto de vista estava implícita no livro de Morse – mesmo que na edição de 1954 pudesse não estar claro para o próprio autor –, mostrava como o desenvolvimento da cidade que vinha se configurando “ao longo de um processo cumulativo de articulação com a sociedade e adensamento artístico” (aqui diríamos, cultural), compartilhando dessa tradição que soube dar uma “forma metódica ao conteúdo básico da experiência intelectual brasileira” (ARANTES, 1997: 21). Dando *uma forma metódica* à própria experiência urbana paulista.

Nesse processo de interpretação do mundo social, São Paulo foi, para Morse, a possibilidade real de se apartar de um pensamento clássico (ou etnocêntrico) que via a cidade na América como a repetir um padrão de urbanização europeu, porém sem conseguir alcançá-lo plenamente. Formalizando questões que apareceram desde a sua graduação nos Estados Unidos, ainda que de forma difusa, ambígua, ou mesmo romântica, sobre o lugar da América Latina na cultura ocidental, foi na capital paulista – a partir do estudo de uma realidade concreta no final da década de 1940 – que Morse pôde supor a potência de uma *outra* modernidade. Ideia que se tornou um norte para seus trabalhos posteriores, conduzindo sua trajetória em Yale e depois. E, de certo modo, a própria reedição da obra sobre São Paulo em 1970.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, P. R., “Os estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos: a produção brasilianista no pós-Segunda Guerra”, Estudos Históricos, FGV, Rio de Janeiro, No. 27, 2001, 31-61.
- ARANTES, P. Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- _____. “Providências de um crítico literário na periferia do capitalismo”. IN ARANTES, P. & ARANTES, O. Sentido da formação: três estudos sobre Gilda de Mello e Souza e Lucio Costa. São Paulo: Paz e Terra, 1997, 11-66.
- BOMENY, H. “Uma Entrevista com Richard Morse”, Estudos Históricos, FGV, Rio de Janeiro, Vol. 2, No. 3, 1989, 77-93.
- BOTELHO, A. “Passado e futuro das interpretações do país”, Tempo Social. Revista de Sociologia da USP, São Paulo, Vol. 22, No. 1, Junho, 2010, 47-66.
- CARDOSO, F. H. “A fome e a crença (sobre Os Parceiros do Rio Bonito)”. IN Esboço de figura: homenagem a Antonio Candido. São Paulo: Duas Cidades, 1979, 89-100.
- CARDOSO, I. A universidade da Comunhão Paulista: o projeto de criação da Universidade de São Paulo. São Paulo: Cortez, 1982.
- CANDIDO, A. Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. São Paulo: Martins, 1959, 2V.
- _____. Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária. São Paulo: T. A. Queiróz, 2000.
- _____. Iniciação a Literatura Brasileira, Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.
- COLUMBIA University Seminars, History, <http://www.columbia.edu/cu/seminars/pages/history/index.html>. Acesso 23/10/2010.
- COBBS, E. The Rich Neighbor Policy. Rockefeller and Kaiser in Brazil. New Haven and London: Yale University Press, 1992.
- GOODWIN, P., HAMILL, H., STAVE, B., “A Conversation with Richard M. Morse”, Journal of Urban History, Vol. 2, No.3, May, 1976, 331-56.
- GORELIK, A. Das vanguardas à Brasília: cultura urbana e arquitetura na América Latina. (Trad. Maria Antonieta Pereira). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.
- _____. “A produção da ‘cidade latinoamericana’”, Tempo Social. Revista de Sociologia da USP, São Paulo, Vol. 17, No. 1, 2005b, 111-33.

- _____. "La aldea en la ciudad. Ecos urbanos de un debate antropológico", Revista del Museo de Antropología, Universidad Nacional de Córdoba, Vol. 1, No. 1, Octubre, 2008.
- HAINES, G. The Americanization of Brazil. A Study of US Cold War Diplomacy in the Third World, 1945-1954. Washington: S. R. Books, 1984.
- HALE, C. "Frank Tannenbaum and the Mexican Revolution", The Hispanic American Historical Review, Vol. 75, No. 2, May, 1995, 215-46.
- ILAS Columbia University, ILAS, http://ilas.columbia.edu/about/about_ilas. Acesso 22/08/2011.
- JACKSON, L. C., A tradição esquecida. Os Parceiros do Rio Bonito e a sociologia de Antonio Candido. Belo Horizonte/São Paulo: Ed. UFMG/Fapesp, 2002.
- MAIER, J. & WEATHERHEAD, R.W. Frank Tannenbaum. A biographical essay. New York: University Seminars, Columbia University, 1974.
- MEHY, J. C. S. B. A colônia brasilianista (História Oral de Vida Acadêmica), São Paulo: Nova Stella, 1990.
- MORSE, R. "The Coup in Cuba", The Nassau Literary, Princeton, Vol. 100, No. 2, December, 1941, 2-4.
- _____. São Paulo The Early Years. New York: Master of Arts in the Faculty of Political Science, Columbia University, 1947.
- _____. São Paulo City under the Empire (1822-1889). New York: PhD thesis, Columbia University, 1952.
- _____. De comunidade a metrópole. Biografia de São Paulo (trad. Maria Aparecida Madeira Keberg). São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - Serviço de Comemorações Culturais, 1954.
- _____. "São Paulo Since Independence: A Cultural Interpretation", The Hispanic American Historical Review, Duke University Press, Vol. 34, No. 4, November, 1954b, 419-44.
- _____. "La ciudad artificial", Estudios Americanos, Sevilla, Vol. XII, No. 67-68, Abril-Mayo, 1957.
- _____. From Community to Metropolis: a Biography of São Paulo, Gainesville: Florida University Press, 1958.
- _____. Formação histórica de São Paulo, de comunidade a metrópole (trad. complementares Antonio Candido) Coleção Corpo e Alma do Brasil. São Paulo: Difel, 1970.
- PONTES, H. *Destinos mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940-68)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PRADO, D. A. "O Clima de uma época". IN AGUIAR, F. (org.), Antonio Candido: pensamento e militância. São Paulo: Humanitas, 1999, 25-43.
- REDFIELD, R. Civilização e cultura de folk: estudo de variações culturais em Yucatán (Trad. Asdrúbal Mendes Gonçalves). São Paulo: Martins, 1946.
- SARLO, B. Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930. Buenos Aires: Siglo XXI, 1988.
- SCHWARZ, R. "Sobre a Formação da Literatura Brasileira". IN _____. Sequências brasileiras. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, 17-23
- _____. "Os sete fôlegos de um livro". IN _____. Sequências brasileiras. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, 46-59.
- STAVE, B. The Making of Urban History. Historiography Through Oral History. Beverly Hills: Sage Publications, 1977.
- TANNENBAUM, F. "The University Seminar Movement at Columbia University", Political Science Quarterly, Vol. 68, No. 2, June, 1953, 161-180
- THERSTROM, S. & SENNETT, R. (Eds.) Nineteenth-Century Cities: Essays in the new Urban History, New Haven/London: Yale University Press, 1969.
- TÖNNIES, F. Communauté et Société. Catégories Fondamentales de la Sociologie Pure. (Trad. et introd. Jacques Leif), Paris: Presse Universitaire de France, 1944.
- WAIZBORT, L. A passagem dos três ao um: crítica literária, sociologia, filologia. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FONTES

Antonio Candido, entrevista ao autor, 16/03/2010.

Frank Tannenbaum Papers, Rare Books & Manuscript Library, Columbia University.

Richard McGee Morse Papers, Manuscripts & Archives Library, Yale University.